

# DANIEL LINS. UMA CARTOGRAFIA MINORITÁRIA

Túlio Muniz<sup>1</sup>

Em 1999 aconteceu o primeiro Simpósio Internacional de Filosofia Nietzsche-Deleuze. “Intensidade e Paixão” atualizou o pensamento brasileiro no séc. XX, e antecipou o séc. XXI. À frente, Daniel Lins, Sylvio Gadelha e Alexandre Veras.

Foi pura diferença, puro Acontecimento, e, como tal, “está portanto dos dois lados ao mesmo tempo, como aquilo que, na linguagem, distingue-se da proposição, e aquilo que, no mundo, distingue-se dos estados de coisas. Melhor: de um lado, ele é o duplo diferenciante das significações; de outro, das coisas” (Zourabichvili, 2004, pg.07).

Atemporal, o Simpósio teve dez edições, até 2010, em Belém, “Natureza e Cultura”. O Acontecimento tornou-se nômade, des-dobra, ilha flutuante, local de bons encontros e alteridade. Tal qual a obra e vida de seu principal articulador e idealizador, Daniel Lins, que, mesmo antes do Simpósio, despontava como ‘artesão de Corpos Sem Órgãos’ (para emprestar o título de seu livro

---

<sup>1</sup> Professor de História na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Jornalista profissional.

com Artaud), como cúmplice de devires minoritários, os quais, longe de serem falas de minorias institucionalizadas, são discursos de enfrentamento e afrontamento, e de prenúncio do novo.

O Simpósio, a partir dos múltiplos contatos de Daniel no Brasil e mundo afora, contaminou o pensamento de maneira singular, como nunca dantes. Nas suas várias edições, reuniu em Fortaleza, entre outros, Jacques Rancière, José Gil, Suely Rolnik, Oswaldo Giacoia, Márcia Tiburi, Rosa Dias, Luiz Benedicto Orlandi, Peter Pál Pelbart, Laymert Garcia, Roberto Machado, Aurélio Garcia, Charles Feitosa, Ana Godinho, David Lapoujade, Aurélio Guerra, François Zourabichvili, Camille Dumoulié, Simone Simões, Goiamérico Felício, Sílvio Gallo, Barbara Stiegler, Anne Sauvagnargues, Maurizio Lazzarato, Raymond Bellour...

Longe de idolatrar aos consagrados, e tampouco de ser 'crepúsculo dos deuses', o Simpósio catapultou tantos outros jovens expoentes: Sylvio Gadelha, Beatriz Furtado, Thiago Themudo, Paulo Germano de Albuquerque, Ada Kroef, *Gisele Gallicchio*, Leon (Leonardo Oliveira Moreira), Cristian Paiva, Ada Kroef, Gustavo Costa, Peregrina Cavalcante, Marcius Lopes, Ruy de Carvalho, Regiane Collares...

A cada Simpósio, Daniel homenageava a personalidades e coletivos – Eduardo Diatahy, Missão Tremembé e Maria Amélia Leite, entre tantos. Uma forma de agradecer, sem culpa alguma, o compartilhamento de territórios nômades.

Na perspectiva de Daniel, estética e pensamento – e acontecimento – são indissociáveis, e o Simpósio e Arte se faziam acompanhar. Trouxeram brilho, em diferentes edições do Simpósio: Júlio Bressane com o seu "Filme de Amor"; a soprano da Scala de Milão, *Lina Castellanza*, e seu parceiro de vida e obra, o pianista *Herbert du Plessis*; o vertiginoso "De-vir", da Cia Dita, de Fortaleza; a esquizocenia da Cia. Teatral Ueinzz - PUC-SP e seu "Ghotam SP" (Direção: Sergio Penna e Renato Cohen, com Peter Pál Pelbart compondo um improvável Deleuze); o multifacetado, e dos maiores atores brasileiros, Ricardo Guilherme, e seu Teatro Radical; o tatear das páginas acridoces da Polichinello ("revista literária: escrita, literatura, pensamento", de *Nilson Oliveira*, Belém-PA); a demolidora filmografia de Carmelo Bene; os índios Tremembé de Almofala a dançarem o Torém; o punk-rock da Plastique Noiar; o reggae de Andréad Jó...

Admito a injustiça de, no falhar da memória, não citar tantos outros nomes – artistas e intelectuais. Foram às centenas, a compor uma legião sem ser rebanho.

O Simpósio, até agora limitado à décima edição, contaminou e engendrou outros tantos 'lampejos' (o **Nietzsche-Schopenhauer**, p. ex.). Juntos, o Simpósio e a obra de Daniel irromperam

e contaminaram o pensamento acadêmico no Ceará, pensamento que tinha muito de *inato* e que, com raríssimas exceções nas Ciências Humanas – sobremaneira na Filosofia – , não ‘incomodava’ nem fazia ‘mal’ a ninguém.

“Ao contrário do pensamento inato, o pensamento sem imagem, o pensamento selvagem, bravo, arisco, associal, é explicitamente arredo ao conformismo, a algo antecipadamente dado ou imposto por uma transcendência que desapruma o pensador como em uma luta, em um trabalho que deve se fazer em um *caso* determinado, aquilo que a tradição e a sociedade, em seus usos e abusos da memória, apresentam e impõem, donde a constatação de Deleuze: ‘Que é um pensamento que não faz mal a ninguém, nem àquele que pensa nem aos outros?’” (Lins, 2012, pg. 21)

Qual um Prometeu na contra corrente da ira dos deuses, mesmo bem antes de se dedicar ao Simpósio, Daniel tratava de trazer à luz obras de pensadores do Ceará que não tinham a merecida relevância. Assim nasceu a coleção OUTROS DIÁLOGOS, que publicou, em editoras nacionais, dezenas de dissertações e teses produzidas no âmbito da academia cearense e que ganharam visibilidade nacional. Prenhe de pensamento represado, a província paria monstros: Meize Lucena, Regis Lopes, o ‘Torém’ de Gerson de Olyveira Jr., Alexandre Barbalho, Frederico Neves, Ilmar de Sousa, *Auxiliadora* Lemenhe....

A partir de 1998 e até 2000, a OUTROS DIÁLOGOS publicou cerca de 40 volumes. Nunca o Estado do Ceará promoveu a publicação simultânea de tantas obras. Paradoxo: foi sob Tasso Jereissati (PSDB) – via Paulo Linhares, e Nilton Almeida na Secretaria de Cultura. Nenhum outro governo, sobretudo os de esquerda ou centro-esquerda – e eis *o porquê* do ‘paradoxo’ –, empenhou-se em promover pensamento que extrapolou as fronteiras regionais e enredou-se com o pensamento nacional.

Transversal, interdisciplinar, pós-estruturalista, pouco importa os adjetivos que lhe sejam aplicados, a obra e a trajetória de Daniel Lins é tudo e nada disso; está pra um mais além. Talvez rizoma, talvez devir, sejam o que melhor definam sua obra, sem, contudo, contê-la.

Longe de ser indizível, muitas vezes a obra de Daniel foi *mal-dita*, por quem insistia em tê-la por *mal-compreendida*, sendo igualmente *mal-combatida* por ‘novos padres’ que idolatram suas filiações teóricas e sacralizam personagens. Não foram poucas as insinuações sub-reptícias de que Daniel visava o poder institucional.

Logo ele, que chegou a declinar convite para assumir a Secretaria de Cultura de Fortaleza, em 2008?

Logo ele, precursor de Deleuze que, segundo Roberto Machado, “era alguém solitário, distante das disputas acadêmicas e da luta pelo poder na instituição em que se encontrava. (...)”

Também era alguém vinculado a lutas concretas que ultrapassavam os muros da Universidade, comprometido com questões que o mundo ainda vive na atualidade” (Machado, 2015, pg. 01). Deleuze em Daniel Lins, Daniel Lins em Deleuze...

Logo ele, surfista da imanência, proponente da “Universidade do Surf”<sup>2</sup> –a única da qual, talvez, coubesse vir a ser reitor....

Aos *mal-combates* que ‘*falsos perversos*’ lhe tentaram impor, Daniel rendeu-lhes tributo algum. Sábio – o sábio evita o perigo, diz Epinosa, na *Ética* –respondia, tal qual ‘*máquina de guerra*’, com atuação na mídia (ver adiante), e com promoção de novos e *bons encontros*, nos quais eclodiram importantes características da sua atuação<sup>3</sup> acadêmica, onde vida, arte e cultura compõem ‘mil platôs’.

“Nossa inteligência não é feita em primeiro lugar para pensar, mas para agir” (Lins, 2012, pg.20). Foi pensando e agindo assim que Daniel gestou acontecimentos fora do Simpósio, pelos quais pudemos dialogar, na Universidade Federal do Ceará (UFC), diretamente com “o Corpo” de David Le Breton; com Zed, um dos produtores de “Os três últimos dias de Fernando Pessoa”. No palco do Teatro José de Alencar, em 2000, Daniel agenciou a passagem inesquecível da presença etérea e real de Carlotta Ikeda e sua Companhia Ariadone (França).

Com Daniel, experimentamos e gozamos a própria “Estética como Acontecimento”, título de um de seus livros recentes.

## **PEDAGOGIA RIZOMÁTICA**

Daniel não se limita à escrita meramente teórica, que não se materializasse em prática, ação, ato-ação. Seu MANGUE’S SCHOOL OU POR UMA PEDAGOGIA RIZOMÁTICA, inspirou e sustentou propostas de reforma da prática pedagógica na rede municipal de ensino de Porto Alegre (RS), e, a posterior, a tentativa de se estabelecer em escolas do Ceará uma “escola rizomática” (Lins, 2005), que desencadeie um tipo de “Devir-pedagógico e sentidos bárbaros” (idem), e onde se possa

cultivar, como experimentos e não como normas ou modelos, os sentidos bárbaros não ainda domesticados, e não apenas as significações ou os significados ordenados – aquilo *que é*, a saber, uma série significada, e aquilo *que deveria ser*, isto é, uma série significativa –, pensados de antemão, triturados e servidos como potinhos requentados às crianças e aos alunos, quase sempre alheios, porque criativos, a todo processo pedagógico

---

<sup>2</sup>Ver Lins, Daniel, artigo “O Havai é aqui!”, Fortaleza, jornal O Povo, Fortaleza, p. 7, 11/10/2009.

<sup>3</sup> Em se tratando de Daniel, talvez se faça preciso inventar uma nova palavra: *ato-ação*.

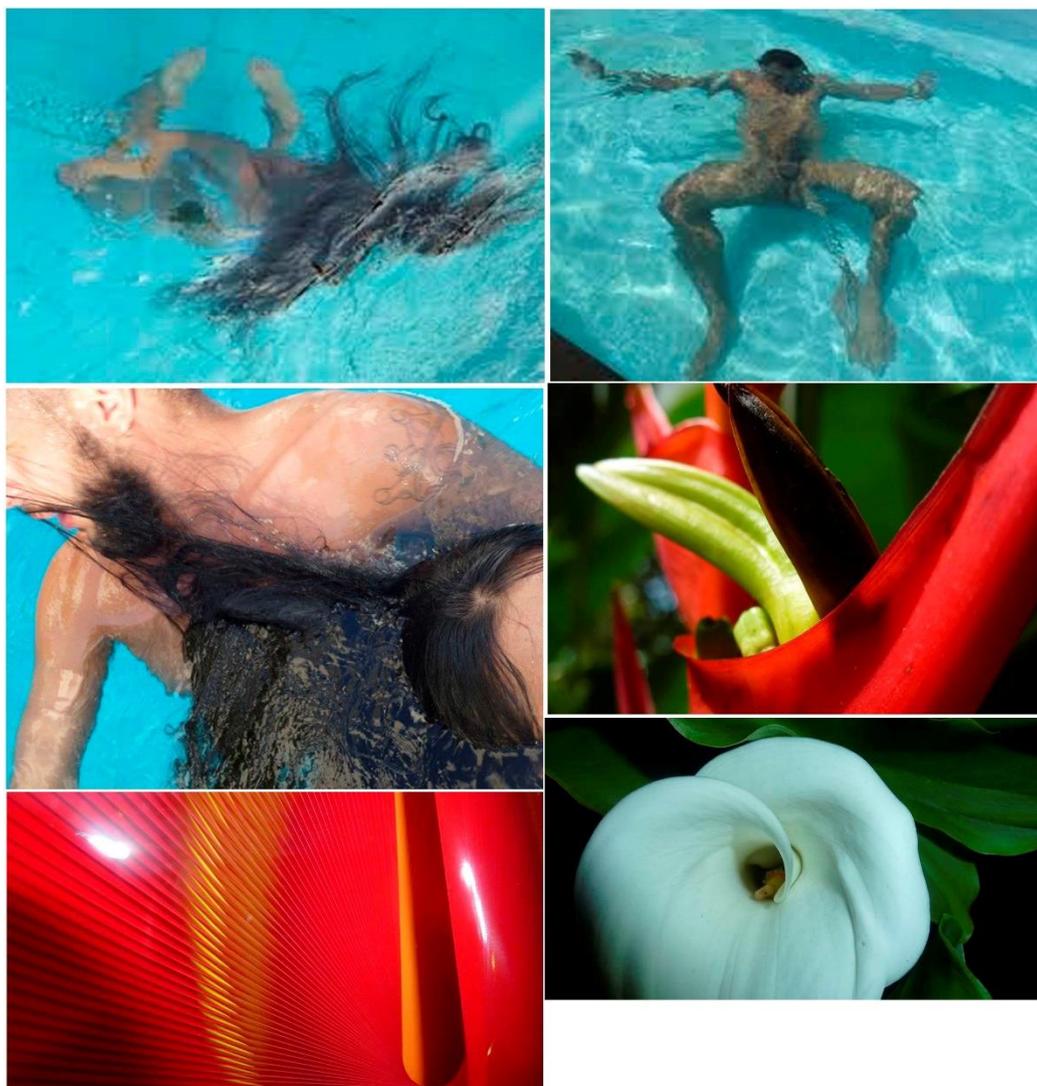
ancorado no triângulo do desejo niilista: *papai-mamãe-bebê!* Experimentar, mas nunca oficializar (uma *minoría*, uma vez oficializada, torna-se uma *maioría*) ou impor, como modelo esta ou aquela pedagogia, porém contaminar os processos pedagógicos com 'costumes bárbaros' (Lins, 2005, pg.1239).

## FOTOGRAFIA

Concordando com Guattari quando ele afirma que "ninguém está dispensado de jogar o jogo da ecologia do imaginário" (Guattari, 1991, pg. 42), é preciso alargar as maneiras de se exprimir. Para chegar a tal platô, a escrita de Daniel se mune de imagens, é composta de corpo, corpos-imagens, como nas Exposições Fotográficas da "Série Corpo sem órgãos": "A época em que o homem era um vegetal" (Centro Dragão do Mar, Fortaleza, 2012) e "A escrita sem rosto" (Centro Cultural BB, Belém, 2013).

As fotos falam...

### Algumas fotografias expostas em Belém, 2013, e Fortaleza, 2012



## MÍDIA: JORNAL E TV

Crítico à superficialidade de uma compreensão de mundo baseada no senso comum própria da 'cultura jornalística', que é tão rasa quanto vasta, Daniel não se eximiu de inserir-se na mídia eletrônica e impressa.

Por mais de duas décadas ocupou espaço, semanalmente, nas páginas do jornal O POVO, donde surgiram artigos-combates, alguns que se transformam em livro, como "Ayrton Senna. A imolação de um deus vivo" (1995). Em "O Dedo no Olho: micropolíticas do cotidiano" (AnnaBlume, 2000), consta uma coletânea de artigos seminais publicados por ele em *O Povo*, entre 1994 e 1999. Considerando que seguiu por mais década e meia a escrever periodicamente no mesmo espaço, há muitos outros "Dedos nos olhos" a serem compilados.

Daniel foi aluno, parceiro e amigo de Pierre Bourdieu, um crítico severo ao discurso televisivo enquanto meio de opressão simbólica<sup>4</sup>. Contudo, destemido e despido de qualquer má-consciência de si, Daniel aventura-se, sem deslumbramento, a participar, produzir, fazer curadoria de programas de televisão, seja em emissoras 'minoritárias' de Fortaleza (TV União, TV Ceará, TV O POVO, TV Diário), seja em 'grandes vitrines', como a TV Cultura e seu *Café Filosófico*, nos quais atuou como palestrante ou curador em várias edições, ainda não transcritas, tampouco transformadas em livro.

Entrevistado pela revista Cult em 2009<sup>5</sup>:

**"Pergunta:** O que você pensa da aproximação entre os intelectuais e a mídia? Você acha que esse diálogo é possível no Brasil?

**Resposta:**

"[...] Acredito no diálogo, mas não sei se os intelectuais, consagrados ou não, estão muito preocupados com a exigência da mídia a seu respeito. Frequento uma "elite intelectual" bastante ampliada, nunca ouvi nenhum desejo de mídia. Diálogo sim, pretensão e imposição nunca! Sinceramente, esse problema diz respeito muito mais à mídia que aos intelectuais. Eu dialogo bem com a mídia, gosto desse ambiente, sinto-me gratificado e, raramente, 'censurado'".

---

<sup>4</sup> Ver BOURDIEU, Pierre, *Sobre a Televisão*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

<sup>5</sup> Edição nº 137, de julho de 2009.

E das poucas vezes que o foi – censurado, em 2008, abordando o suicídio –, o ex-seminarista respondeu com a elegância sutil e perspicaz de um fradinho do Henfil, publicando, em substituição do texto censurado, uma receita chinesa de pato laqueado.

Quem viver, lerá...



O *Fradinho Baixim*, de Henfil (1944-1988).

## ÚLTIMO PLATÔ

Averso ao culto e à idolatria, Daniel escreve acerca de personagens diversas como um tipo apaixonado iconoclasta: ama e desconstrói em simultâneo, para e compor – *com* eles e não *sobre* eles – sentidos que estão num mais além: Lampião, Ayrton Senna, Hildegard, Artaud, Sila, Clarice Lispector, Bob Dylan – cuja “Liberdade que Canta”, no prelo, é o lançamento do ano deste 2017.

“Lampião, o homem que amava as mulheres”, é expoente de tese original da ‘revolução nas relações de gênero’ no Brasil. No cangaço, homens cosiam, mulheres atiravam - e matavam -, derivando daí uma outra estética, proveniente de “confusão e convulsão dos signos, numa *estética* de paroxismo e de rebeldia”, alterando a “política do macho, da dominação masculina”, na qual “o que permanece lamentavelmente ignorado é a história do machismo e da masculinidade, muito tipicamente assumida como normal e por isso, normativa, não problemática” (Lins, 1997, pg. 80).

Ao pensar/escrever, Daniel não eclipsa suas personagens. As conduz a duplos movimentos, desterritorializantes / reterritorializantes. Com elas contrai núpcias, e delas revela um profundo que está à flor da pele – “A pele de Anna” (Anna Maria Maiolino).

Sua escrita, cuidadosa e bailarina, é também um soco no estômago, dinamite, ‘dedo no olho’, de um tipo nietzscheana-epicurista: desconstrução e cuidado de si.

Ler Daniel é ver transbordar não apenas tinta dos impressos ou pixels digitais das telas, mas também alegrias, vendavais, náuseas, vertigem. É sentir odores, secreções, sabores, sem, contudo, delirar ou perder a ternura e o sentido, jamais.

Pensar *com* ele “sabe muito bem”, para dizer à moda portuguesa – o Portugal, que ele guarda em seus bons afectos – quando algo nos agrada ao ser saboreado, degustado. A analogia é apropriada para igualar ‘saber’ e ‘sabor’ em se tratado de obra eclética como a de Daniel que, seja em seus escritos, seja na cozinha, transita, baila ao redor do fogo com desenvoltura de quem consegue ir do *foie gras* à galinha à cabidela, da cachaça – as mineiras, vez em quando uma Ypioca – a um Medoc. Quem já esteve em banquetes platônicos organizados – e cozidos – por Daniel me entenderá; quem não esteve, jamais recuse a um convite seu. Mas, cautela. *Ecce homo*: Daniel segue os preceitos nietzscheanos de manter um corpo reto e de não envenenar o sangue com álcool em excesso.

Lê-lo é um anti-eterno retorno, é ir além da representação, é chegar a territórios transfronteiriços, à maneira de Kathibi. É navegar em ilhas flutuantes, *Speranzas* tournierianas. É experimentar o ‘*esquecimento ativo*’ em oposição ao ressentimento.

Anti-romântica, sua obra é para iniciantes e iniciados. Se de um lado dispensa ‘coração’, por outros exige fígado, glândulas, quando, por exemplo, aponta a ‘escrita masturbatória’ de Artaud, “espécie de encarnação de uma escrita crua, regada pelo sangue, pela saliva, pelo excremento: escrita fecal. (...) Fecalidade que não atesta o amor pela escatologia, mas a negação de uma ontologia centrada no identitário, no Uno, no Absoluto” (Lins, 1998, pg. 07).

Daniel, quando aparenta chafurdar rumo à lama, nos adentra numa câmara repleta de pérolas. É ele o próprio “Provérbio” de Nietzsche em “A gaia Ciência”:

“Áspero e suave, grosseiro e fino,  
Familiar e estranho, impuro e puro,  
Encontro de loucos e prudentes,  
Tudo isso sou e quero ser,  
Simultaneamente pomba, serpente e porco”.  
(Nietzsche, A Gaia Ciência, pg. 20).

Este breve comentário acerca de Daniel e sua obra – ele próprio é o melhor da sua obra – é passional não por ‘propósito’ ou ‘intenção’, mas por *afecção*, por afeição, uma declaração de *amor-amigo*. E para não perder mais uma oportunidade de agradecer ao autor que está entre os mais citados – o segundo, depois de Boaventura Santos – em minha tese de doutorado, um ensaio

histórico sociológico no campo dos estudos pós-coloniais, no qual uma obra transversal como a de Daniel é interlocutora pertinente, rara e cara<sup>6</sup>.

Se há um sentimento que para sempre terei para com Daniel, para além da amizade, é o da gratidão, por ter-me ensinado, e a tantos outros, a dançar na beira de muitos abismos, à maneira de Nietzsche e de um Crusoé de Tournier.

Se até Daniel já sabíamos pensar, com ele aprendemos, também, a voar.

Daniel, meu amigo, meu irmão que o acaso engendrou – “o acaso também produz devir”, disseste tu, em algum platô –, um brinde, um beijo.

“É nós!”.

## BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre, *Sobre a Televisão*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

GUATTARI, Felix, *As três ecologias*, Campinas, Papirus Editora, 1991.

LINS, Daniel, “A Estética como Acontecimento. O Corpo sem órgãos”, São Paulo, Lumme, 2012

\_\_\_\_\_ *O último copo – Álcool*, Filosofia, Literatura

\_\_\_\_\_ *Mangue’s School ou por uma pedagogia rizomática”, in Educação e Sociedade.*, vol. 26, n. 93, Set./Dez. 2005, Campinas, UNICAMP, 1229-1256, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27277.pdf>

\_\_\_\_\_ *O Dedo no Olho: micropolíticas do cotidiano*, São Paulo, AnnaBlume, 2000. Artaud. *O Artesão do Corpo sem órgãos*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1998.

\_\_\_\_\_ *Lampião, o homem que amava as mulheres*, São Paulo, Anna Blume, 1997.

MACHADO, Roberto, O professor e o filósofo, *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência – 2º quadrimestre de 2015 – Vol. 8 – nº 2 – pp.01-15.*

MAIOLINO, Anna Maria & LINS, Daniel. *A pele de Anna*. São Paulo: COSAC NAIF. 2016

NIETZSCHE, Friederich, *A Gaia Ciência*, São Paulo, Hemus Livraria e Editora, 1981.

ZOURABICHVILI, François, *O Vocabulário de Deleuze*. Tradução André Telles Rio de Janeiro 2004, *Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2004 (há versão eletrônica em <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili.pdf>)*

---

<sup>6</sup> Tese disponível no repositório digital da Un. de Coimbra (<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/15383>) . Há versão adaptada em livro, editada pela Annablume, 2014.

([http://www.annablume.com.br/loja/product\\_info.php?products\\_id=2011&osCsid=b8i7aluo27fg97rh3hn3q95tg1](http://www.annablume.com.br/loja/product_info.php?products_id=2011&osCsid=b8i7aluo27fg97rh3hn3q95tg1))